

Imaginários da terra: ensaios sobre natureza e arte na contemporaneidade

Ganz, Louise

Rio de Janeiro: Quartet/Faperj, 2015. 184 p. il.

André Leal

A relação campo/cidade há muito deixou de ser algo estanque, como queria a ordem racionalizadora da modernidade ocidental. Hoje em dia o campo é cada vez mais tomado pelo urbano, assim como os processos desiguais de construção da cidade deixam em meio ao espaço urbano enormes vácuos de urbanidade, nos quais imperram traços de uma natureza que pode ter existido naquela região ou então novas espécies que se adaptaram à “natureza urbana”. Esse pode ser um ponto de entrada para a reflexão traçada pela artista e arquiteta Louise Ganz em seu livro *Imaginários da terra: ensaios sobre natureza e arte na contemporaneidade*, fruto de sua pesquisa de doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes/UFRJ, orientada por Milton Machado. Ganz trabalha há muitos anos nos limites entre uma urbanização irracional e uma natureza artificial que brota na cidade e mesmo no campo – vide seus projetos Lotes Vagos e Thislandyourland.

Antes de entrarmos no livro, um ponto a levar em conta é um questionamento que seu orientador sempre propõe aos ingressantes na linha de Linguagens Visuais do PPGAV: o que é uma tese ou dissertação feita por um artista? E como ele deve abordar sua própria produção visual no desenvolvimento da pesquisa acadêmica? A resposta de Machado é a de que o objeto da pesquisa não deve ser produção do artista em si, mas sim o “campo” que a envolve, as conexões e filiações que lhe conferem sentido.

Apesar de Ganz se referir constantemente a seus projetos artísticos ao longo do livro, ela traz para primeiro plano justamente os pares que dão estofa a sua produção, sejam eles teóricos – das mais diversas disciplinas –, sejam eles artistas – contemporâneos e “históricos”. Assim, ela vai montando essa constelação de influências e diálogos por meio da qual compõe sua escrita. Os títulos dos capítulos remetem a formações geográficas a partir das quais ela tece a trama de seus trabalhos, com um texto fluido que nos leva por um passeio não apenas pela produção artística que se dirige à superfície terrestre em suas mais diversas formas, mas também pelas discussões e questões que atravessam essa mesma superfície enquanto formação geográfica – e social. Social, pois, como nos diz Milton Santos, o território é conformado não apenas pelos objetos que ali estão dispostos, mas também pela sociedade que os dispôs daquela maneira específica e pelos usos que lhes são dados ao longo da história.

Ganz mobiliza toda uma construção social da paisagem para compor o campo que envolve sua produção artística em suas mais variadas vertentes. Cada capítulo é um passeio pelas margens de um dos projetos artísticos da autora, que entram e saem de cena à medida em que seus “parceiros” vão sendo mobilizados. Ela começa o livro narrando uma experiência artística sua no interior da Bahia para logo partir para as reflexões em torno das ideias indicadas acima. Assim, nos dois primeiros capítulos (Partida e Céu e terra), a autora traça as relações entre arte e natureza mobilizando artistas e teóricos tais como Milton Santos, Bruno Latour, Anne Cauquelin, Robert Smithson, Gordon Matta-Clark, Constant Nieuwenhuys, entre muitos outros.

Seus diários de campo também atravessam a composição do texto, trazendo uma contribuição mais pessoal e sensível para a constelação que

a artista vai configurando. O capítulo Campos é introduzido por outro passeio da artista pela Chapada Diamantina, que lhe serve de guia para a discussão artística e teórica, culminando no seu projeto Lotes Vagos de ocupação temporária de terrenos baldios. Não sem antes passar por diversas “utopias” e práticas artísticas como as sete mil árvores de Joseph Beuys, a *Freeland* dos arquitetos do MVRDV ou os falanstérios de Charles Fourier, por exemplo.

Já em Montanhas, Ganz funde as ideias de natureza e cultura e de realidade e ficção, partindo de outro trecho de seu diário escrito na Serra do Espinhaço (MG), outro canto do sertão:

uma floresta recentemente plantada com espécies da mata Atlântica é artificial ou natural? Uma área de floresta, riachos e cascatas cercada e transformada em Parque Nacional é artificial ou natural? E uma área de vegetação original, mantida em meio à agricultura empresarial de batatas, o que é? (87)

A autora segue tecendo a teia que sustenta sua produção, mais especificamente *Anatomias Naturais*, do Thislandyourland, proposta de criação de elementos geográficos artificiais que seriam incorporados e dissolvidos na paisagem “natural” de dado lugar. A “ciência de soluções imaginárias” (91) dos 3 *stoppages etalon* de Marcel Duchamp é uma das guias nesse capítulo, assim como *The Berg*, do arquiteto Jakob Tigges, *When faith moves mountains*, de Francis Alÿs, e *História do futuro*, de Milton Machado, por exemplo.

Se a fabulação e criação de mundos é quase uma definição de criação artística, novamente Ganz dialoga com obras potentes que tratam do mundo concreto que nos circunda como espaços ficcionais para a criação artística. A montanha no País de Gales a que a população local adiciona cerca de seis



Canal de transposição do sistema DNOCS no sudoeste da Bahia
Fonte: Acervo Thislandyourland. imagens gentilmente cedidas por Louise Ganz

metros de altitude para que ela não perca seu estatuto de montanha, fato narrado no filme *The Englishman who went up a hill but came down a mountain*, é emblemático desse procedimento e de fato está em estreita sintonia com *Anatomias Naturais* propostas pela artista.

“A fé pode remover montanhas, e um *bulldozer* pode fazer o mesmo. Mas nada pode fazer com que capte o seu ritmo. Está lá, parada e muda, passiva em sua beleza majestosa”, nos lembra Flusser mobilizado por Louise Ganz (87). *Imagínarios da terra...* é, portanto, esse passeio por diversos momentos históricos e abordagens da natureza pela arte contemporânea e pelas distintas disciplinas que com ela se relacionam sem perder a ideia de uma perpétua transformação do ambiente pela ação humana. Ação essa que a arte, ao “ficcionalizar”, também transmite de maneira mais sensível e devolve ao público como agente dessa transformação e não seu espectador passivo. Sim, Alÿs nos mostra que a fé pode de fato mover montanhas e, ao fazê-lo, nos desloca do nosso próprio eixo racionalista.